

Resumo: O papa Francisco critica frequentemente o pelagianismo, seja nos âmbitos eclesiais, condenando comportamentos de fiéis, sobretudo de bispos e padres, seja no campo da sociedade, da política e da economia. O artigo se desenvolverá do seguinte modo: primeiro, faz-se uma rápida abordagem da história e do significado da heresia pelagiana e dos riscos que ela traz para a vida de fé e para a ação evangelizadora, em contraponto com a doutrina agostiniana da graça; em seguida, apresenta-se a concepção própria que tem o papa a respeito do pelagianismo; recolhe-se, então, as advertências do papa ao perigo atual do pelagianismo presente no mundo e na Igreja; por fim, no contraponto ao pelagianismo, anota-se o recorrente convite à vida na graça.

Palavras-chave: pelagianismo; graça.

Abstract: Pope Francis very often criticizes pelagianism, be it in ecclesiastical environments, condemning behavior of the faithful, especially of bishops and priests, be it in the field of society, of politics and economy. The paper proceeds in the following way: first, it gives a short synthesis of the history and meaning of the pelagian heresy, and of the risks that it brings to the life of faith and to the cause of evangelization, in counterpoint with the agostinian doctrine of divine grace; then it presents the personal conception of the Pope regarding pelagianism; thirdly, it collects the warnings of the Pope against the present danger of pelagianism in the world and in the Church; and finally, in counterpoint with pelagianism, it proposes an appealing invitation to life in grace.

A crítica do Papa Francisco ao pelagianismo

Vitor Galdino Feller*

* O autor, Doutor e pós-Doutor em Teologia Sistemática, é Diretor da FACASC e do ITESC e Vigário Geral da Arquidiocese de Florianópolis.



É recorrente no pontificado do papa Francisco a crítica ao pelagianismo. Às vezes de modo explícito, às vezes de forma indireta, Francisco não perde a oportunidade para criticar atitudes humanas que dispensam a graça divina. Ele o faz principalmente nos âmbitos eclesiais, condenando comportamentos de fiéis, sobretudo de bispos e padres. Mas também, embora sem declarar que sejam pelagianas, condena práticas comuns no campo da sociedade, da política e da economia.

O papa Bento XVI também insistia na crítica ao pelagianismo, ainda que não de modo tão recorrente e tão direto. Com efeito, Ratzinger frisava a importância da graça divina, criticando o eficacismo da modernidade, a ditadura do relativismo e o racionalismo da teologia. Sua teologia da graça era marcadamente agostiniana, com uma visão negativa e dualista da realidade humana e criacional. Como teólogo, criticava sem dar nomes, sem ser concreto; percebeu problemas na Igreja, sobretudo na Cúria Romana, mas não conseguiu enfrentá-los e renunciou.

A título de exemplo da crítica de Ratzinger ao pelagianismo, bastam as duas seguintes advertências: Durante um curso de exercícios espirituais realizados em 1986 (publicados em 2009, com o título *Guardare Cristo: esempi di fede, speranza e carità*, pela editora Jaca Book), havia afirmado:

O outro rosto do mesmo vício é o pelagianismo dos piedosos. Eles não querem ter nenhum perdão e, em geral, nenhum verdadeiro dom de Deus. Eles querem estar em ordem: não perdão, mas sim justa recompensa. Eles querem não esperança, mas sim segurança. Com um duro rigorismo de exercícios religiosos, com orações e ações, eles querem obter um direito à bem-aventurança. Falta-lhes a humildade essencial para todo amor, a humildade de receber dons para além do nosso agir e merecer. A negação da esperança em favor da segurança diante da qual agora nos encontramos se fundamenta na incapacidade de viver a tensão com relação ao que deve vir e, portanto, de se entregar à bondade de Deus. Assim, esse pelagianismo é uma apostasia do amor e da esperança, mas, em profundidade, também da fé¹.

Na conferência pronunciada no encontro de presidentes das comissões episcopais da América Latina para a doutrina da fé, em Guadalajara, México, em 1996, ao falar da situação atual da fé e da teologia, o car-

¹ Disponível em: <<http://www.montfort.org.br/papa-francisco-critica-o-pelagianismo-dos-devotos-tese-de-atzinger>>. Acesso em: 09 dez. 2014.



deal Ratzinger assim se expressou: a maior ameaça da fé “é o medíocre pragmatismo da vida cotidiana da Igreja, no qual, aparentemente, tudo procede com normalidade, mas na verdade a fé vai se desgastando e degenerando na mesquinhez”².

Francisco critica o pelagianismo presente na Igreja, dando exemplos concretos: carreirismo, clericalismo, gnosticismo, elitismo, tradicionalismo etc. Critica o pelagianismo no mundo, referindo-se com frequência à idolatria do mercado, à centralidade do dinheiro, ao apego ao poder. Sem a preocupação racional e a linguagem refinada do teólogo, mas com o cajado do pastor e a mística de um profeta, Francisco é, por isso, mais completo e complexo. A partir da mística inaciana, da espiritualidade latino-americana dos pobres e da pastoral engajada nos meios populares, ele demonstra maior percepção da realidade e consegue, assim, ser mais claro, na sua condenação profética. Não segue de perto a teologia da graça agostiniana, mas a teologia dos Padres gregos, do cristocentrismo cósmico, da encarnação de Deus na frágil história humana, da recapitulação de todos em Cristo, da divinização do ser humano. É uma teologia da graça mais otimista; mas sem ser ingênuo, uma vez que está atenta e condena o desumano do pelagianismo.

Sua crítica ao pelagianismo se encontra em quase todos os seus pronunciamentos, mormente nas homilias diárias na Casa Santa Marta. Não é nosso objetivo deslindar todas as referências anti-pelagianas do papa Francisco. Vamos deter-nos em procurá-las na exortação apostólica *Evangelii Gaudium*, com alguma abordagem a outros momentos singulares: a homilia de sua primeira Missa do Crisma, em Roma; a conversa com um grupo de representantes da CLAR; o discurso à Comissão de Coordenação do CELAM, no Rio de Janeiro; o discurso de encerramento do Sínodo Extraordinário dos Bispos; e o discurso à Cúria Romana, por ocasião dos cumprimentos natalícios de 2014.

Este artigo se desenvolverá do seguinte modo: primeiro, faz-se uma rápida abordagem da história e do significado da heresia pelagiana e dos riscos que ela traz para a vida de fé e para a ação evangelizadora, em contraponto com a doutrina agostiniana da graça; em seguida, apresenta-se a concepção própria que tem o papa a respeito do pelagianismo; por

² Joseph RATZINGER. *Situação atual da fé e da teologia*. Conferência publicada em *L'Osservatore Romano* de 01/11/1996. Ver tb. V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe, *Documento de Aparecida*, n. 12.



fim, recolhem-se as advertências do papa ao perigo atual do pelagianismo presente no mundo e na Igreja.

O pelagianismo: história e significados³

Estágio importante na história do cristianismo, sobretudo no tratado da teologia da graça, foi a controvérsia pelagiana, resolvida com o Concílio de Cartago, em 418⁴. Pelágio, monge de origem irlandesa, asceta e diretor espiritual em Roma, ensinava que o ser humano pode cumprir os mandamentos de Deus por suas próprias forças, sem que para isso tenha necessidade de um auxílio divino interior. Distinguiu três aspectos: *poder* ou liberdade, *querer* ou vontade, *fazer* ou execução⁵. O poder que temos de fazer o bem vem exclusivamente de Deus; é a graça por excelência. O querer e o fazer, isto é, o uso daquele poder, é assunto do ser humano. Nada pode alterar, limitar ou impedir a liberdade fundamental recebida do Criador; nem uma queda primitiva e anterior ao nascimento, nem a existência de uma graça gratuita. Por isso, o mérito do ser humano reside na vontade e na boa obra. Mas esse mérito remonta a Deus, que deu ao ser humano a possibilidade da vontade e da obra, possibilidade essa sempre ajudada pela graça.

Mas Pelágio não entende a graça como operação de Deus interior à vontade humana, e sim como auxílio externo, que, tomando formas múltiplas, completa nosso *poder*, dom primeiro do Criador. Esse auxílio externo se constitui de: exemplo de Cristo, sacramentos do batismo, da penitência e da eucaristia, ensinamentos e doutrina cristã. Esse auxílio nos ajuda, enquanto desvela os olhos de nosso coração, enquanto nos propõe as recompensas futuras para evitar que nos seduzam os prazeres da vida presente, enquanto nos mostra as ciladas do demônio. Portanto, Pelágio rejeita a graça como auxílio interior, porque para ele a liberdade

³ Para todo este item, ver M. Cl. BINGEMER; V. FELLER. *Deus-Amor, a graça que habita em nós*. Valencia/São Paulo: Siquem/Paulinas, 2003, pp. 96-97; F. M. BARAUNA. *Pelagianismo ontem e hoje: A antiga heresia pelagiana e a vida cristã atual* (TCC para bacharelado eclesialístico em teologia). Florianópolis: ITESC, 2012, pp. 11-94.

⁴ Ver Ch. BAUMGARTNER. *La gracia de Cristo*. Barcelona: Herder, 1982, pp. 101-105; J. COLLANTES. *Las ideas y los hombres en los documentos doctrinales del Magisterio*. Madrid: BAC, 1984, pp. 181ss.

⁵ A doutrina de PELÁGIO é conhecida através das obras de AGOSTINHO. Ver, por ex., *A graça de Cristo e o pecado original* (Col. Patrística 12), São Paulo: Paulus, 1999, pp. 199-317. A distinção pelagiana entre poder, querer e fazer é apresentada em *Id.*, *ibid.* I,4,5, (p. 216s).



não está enfraquecida e debilitada pelo pecado. Ao rejeitar a doutrina do pecado original, que estava sendo desenvolvida na época por Santo Agostinho, Pelágio vê em Adão apenas um mau exemplo que não precisa ser seguido. O pecado de Adão não causa influência negativa em mim, não se torna inerente a mim, a não ser que eu mesmo, no uso de minha liberdade, me deixe guiar por seu mau exemplo. Inversamente, ao negar a doutrina da graça como auxílio interior, Pelágio vê em Cristo não o meu salvador, mas apenas um bom exemplo que eu, na minha liberdade, sou convidado a seguir. A graça redentora de Cristo, morto na cruz e ressuscitado, não é *de per se* necessária para a minha salvação.

De modo geral, pode-se sintetizar o pelagianismo como uma doutrina que exalta de tal modo a capacidade da liberdade humana a ponto de negar a necessidade da graça divina para a prática salvífica da lei moral. O pecado original não teria contaminado verdadeiramente a natureza humana; portanto, por si mesmo e sem a ajuda da graça, o ser humano seria capaz de escolher o bem e não pecar. Ao menosprezar os dons sobrenaturais e gratuitos, acaba propondo um moralismo e um ascetismo voluntarista. Como se pode perceber, Pelágio esquece um aspecto central da doutrina bíblica paulina: a vida em Cristo e no Espírito. A religião acaba por se reduzir a uma relação moral e jurídica entre Deus e o ser humano, relação que consistiria na observância dos mandamentos divinos, apoiada pelos exemplos de Cristo e as promessas de recompensas eternas. Não há lugar para a humildade cristã nem para o sentido da fragilidade humana. A oração não é um ato de petição, mas apenas de adoração, com o fim de conhecer nossos deveres. O auxílio de Deus é supérfluo, uma vez que podemos encontrá-lo em nossas próprias forças⁶.

⁶ O pelagianismo assume hoje, como reitera o papa Francisco, características modernas: o individualismo da cultura moderna (“eu sei, eu quero, eu posso, eu consigo, eu faço!”); a autossuficiência liberal-capitalista; a ambição do progresso absoluto; a ênfase no sucesso a todo custo; a pretensão do poder e do controle da mente; o interesse pelos movimentos neo-gnósticos, como o espiritismo; o planejamento controlado; a ética civil; a idolatria do mercado; o mercantilismo religioso. No campo eclesial e pastoral fazem-se presentes: a moral do legalismo, do ritualismo e do juridicismo; expressões jansenistas de rigorismo; o carreirismo e o clericalismo eclesiásticos; devocionismos de tendência mágico-fundamentalista; o apelo fácil aos exorcismos; a satanização da vida; o apego às tradições e leis do passado; o hiperativismo; a confiança nos planos e projetos humanos, que fazem crer que a Igreja é resultado da ação humana etc. Ver M. Cl. BINGEMER; V. FELLER. *Deus-Amor, a graça que habita em nós*. Valencia/São Paulo: Siquem/Paulinas, 2003, pp. 48-56; F. M. BARAUNA. *Pelagianismo ontem e hoje: A antiga heresia pelagiana e a vida cristã atual (TCC para bacharelado eclesiástico em teologia)*. Florianópolis: ITESC, 2012, pp. 95-106.



Para entender o pelagianismo, faz-se necessária uma rápida abordagem da teologia da graça de Santo Agostinho, que, por ironia, para refutar a doutrina pelagiana, foi quem mais a divulgou.

Diversos fatores contribuíram para que Santo Agostinho concebesse a graça de Cristo como um princípio de ação, de liberdade e de libertação espiritual⁷. A metafísica neoplatônica lhe deu o sentido de participação dos nossos atos livres na bondade divina. A doutrina bíblica sobre Deus lhe deu o sentido da onipotência e soberania de Deus sobre a vida e vontade dos seres humanos. A experiência de sua conversão intelectual e moral lhe deu o sentido da soteriologia paulina: conversão e salvação não como resultado do esforço próprio, mas como obra gratuita de Deus. Foi certamente a reação à antropologia pelagiana, que exaltava as forças morais da vontade humana, que o levou a exaltar a iniciativa e soberania da graça de Deus.

Todos estes fatores o levaram a construir uma teologia da graça desde o ponto de vista do ser humano caído e pecador, uma teologia da necessidade, gratuidade e eficácia da graça. Diferentemente dos Padres gregos, que seguiam a teologia joanina da graça, Agostinho explicita mais a teologia paulina da graça: a graça não apenas se opõe ao pecado e o destrói, mas triunfa sobre ele, porque é vida em Cristo. Há, por isso, uma insistência maior na redenção, alcançada por Cristo em sua morte. Por outro lado, para insistir na redenção, há também uma insistência no pecado. Daí o *hamartiocentrismo* (*hamartía* = pecado), tão próprio da teologia ocidental, fortemente influenciada pela doutrina agostiniana.

Com Agostinho, acontece uma mudança de rumo na teologia da graça. Até aqui (estamos nos séculos IV e V), a experiência da graça era vivida como divinização. Por obra da encarnação de Deus em Cristo, o ser humano é elevado à condição divina, à adoção filial, à participação na natureza divina. É o que se chama, na teologia e espiritualidade do Oriente, de deificação, divinização⁸. A partir de Agostinho, por sua virada antropológica e por seu interesse pela psicologia humana, a experiência da graça será vivida como justificação.

⁷ Sobre este item, ver Ch. BAUMGARTNER. *La gracia de Cristo*. Barcelona: Herder, 1982, pp. 83-99; M. CI. BINGEMER; V. FELLER. *Deus-Amor, a graça que habita em nós*. Valencia/São Paulo: Siquem/Paulinas, 2003, pp. 91-96.

⁸ Uma síntese da teologia da graça dos Padres da Igreja do Oriente encontra-se em M. CI. BINGEMER; V. FELLER. *Deus-Amor, a graça que habita em nós*. Valencia/São Paulo: Siquem/Paulinas, 2003, pp. 87-91.



Aprofundando a reflexão sobre a realidade do pecado, tão marcante em sua própria vida e tão facilmente constatável nas filosofias e práticas de que havia se aproximado, Agostinho salienta o lugar da ação humana desumanizante. Pelo pecado, o ser humano se desumaniza, perde sua condição original como criatura de Deus. Não basta, portanto, a divinização. Na realidade, para ser divinizado, o ser humano precisa primeiramente voltar a ser humano, ser justificado de sua queda pela bondade de Deus. Se houve desumanização, por causa do pecado, é preciso haver, então, humanização, ou melhor, re-humanização, a fim de que o ser humano possa realizar-se a si mesmo e, assim, realizar o plano de Deus a seu respeito: ser imagem e semelhança do próprio Deus, não somente como dom, mas também como tarefa, isto é, como compromisso de recuperar, com o auxílio da graça redentora, a graça e a liberdade originais.

O problema da liberdade e da graça já fora colocado no Oriente, mas de modo distinto. Reagindo contra o gnosticismo e o maniqueísmo, que negavam a liberdade humana, os Padres gregos (capadóciós, alexandrinos e antioquenos), sem diminuir a soberania de Deus, insistiram no valor e na necessidade do esforço moral, sem o qual o ser humano corre o risco de pecar e perder o Espírito Santo. Acreditavam que o esforço moral, próprio da liberdade humana, fruto da criação, poderia alcançar a divinização. Certamente não sem a graça de Deus. Mas, não se percebia tanto a maldade do coração humano, havia uma concepção mais otimista sobre a criação e as criaturas. Insistia-se na bondade radical do ser humano, de sua ação, de sua liberdade e seu esforço moral.

Agostinho dá um passo adiante. Mais atento ao pecado humano, com uma concepção mais realista, para não dizer pessimista – fruto talvez de sua própria experiência vital –, da criação e do ser humano, sobre as possibilidades da liberdade e da moral humanas, ele insistirá de modo radical na graça de Deus. Na relação entre a iniciativa da graça divina e a livre ação humana, Agostinho dá maior peso a Deus. Sem negar a liberdade humana, insiste que ela está ferida pela mancha do pecado. A liberdade humana precisa ser liberta do poder do pecado. E isso é somente possível pela abertura à graça redentora de Cristo. A graça divina é entendida e avaliada no contexto do pecado humano. Apesar do pecado, contra o pecado e após o pecado, é que se entende a graça de Deus. Trata-se de uma concepção cristocêntrica, mas sob enfoque antropocêntrico e hamartiocêntrico.



Agostinho sublinha de tal modo a causalidade divina na obra da salvação que, mesmo não negando a contribuição da liberdade do ser humano, deixa-a contudo num plano inferior. A liberdade humana é vista na ótica de sua dependência da queda de Adão e do pecado de cada ser humano (hamartiocentrismo). Sua teologia é determinada pela insistência na realidade infra-lapsária, em que até mesmo a graça divina, isto é, a relação entre Deus e o ser humano, entre Deus e o mundo, é considerada sob o regime do pecado. Consequente com essa teologia hamartiocêntrica, irá salientar de tal modo sua teoria da predestinação salvífica de alguns poucos, a ponto de pôr na sombra a vontade universal salvífica de Deus.

Sua teologia da graça, que pesou em toda a teologia e espiritualidade do Ocidente, é, por isso, diferente da teologia grega, marcada pelo cristocentrismo cósmico, pela contemplação da realidade supra-lapsária ou ante-lapsária (isto é, pelo regime da graça criacional, que é superior e anterior ao pecado).

O cristocentrismo cósmico, retomado na teologia moderna e no Concílio Vaticano II, considera que todas as criaturas – humanas ou não – estão marcadas, e de certo modo determinadas, desde antes do pecado humano e mais ainda depois dele, pela graça de Cristo. Dessa maneira, o cristocentrismo cósmico oferece um respiro mais amplo, é mais otimista e místico-sacramental; é mais apto para o diálogo do cristianismo com outras igrejas, religiões e culturas.

Percebemos, assim, que estamos diante de três diferentes modelos de teologia da graça: dois modelos cristãos, o agostiniano e o dos Padres gregos, e o modelo pelagiano, que não se encaixa na doutrina cristã da salvação como graça de Deus. O modelo agostiniano, que fez sucesso na teologia ocidental, é hoje muito criticado por seu peso hamartiocêntrico, por sua antropologia dualista e negativa, por sua restrição à graça redentora e pouco espaço à graça criacional. Mas é valorizado por seu realismo antropológico, sua percepção da realidade do mal sempre presente no mundo, nos corações e nas instituições humanas. O modelo dos Padres gregos ganhou vigor nos últimos tempos, sobretudo a partir da teologia conciliar fundada na volta às fontes da fé cristã, na centralidade do mistério de Cristo, no apreço às realidades humanas e no diálogo com o mundo moderno. Mas corre o risco de um excessivo otimismo. Esses dois primeiros modelos fazem parte da tradição cristã e são assumidos, com nuances variadas, na prática teológica, pastoral e espiritual dos fiéis e das instituições ecle-



siais. Sem dúvida, para não cairmos no infantilismo ingênuo de não ver e não reconhecer o pecado do mundo e do ser humano, devemos sempre contrabalançar o cristocentrismo cósmico dos antigos Padres gregos e da moderna teologia católica com essa visão concreta, antropológica, ético-profética, realista de Agostinho. Afinal, quem não vê o pecado e não o reconhece, dele não se converte. Sem denúncia e reação ao mal, é impossível anunciar e construir o Reino do amor e da paz. Por outro lado, para não sermos pessimistas quanto ao ser humano e ao mundo, criados por Deus e marcados por uma bondade radical, é necessário voltar-se à graça criacional derramada sobre tudo e todos pelo Verbo Criador⁹.

O modelo pelagiano, porém, foi desde o início e sempre rejeitado na doutrina cristã. Foi assumido, como que por osmose, na cultura moderna, científica, técnica e laica, fundada na razão e na liberdade do ser humano, que cada vez mais descarta a relação com Deus, fechando-se num antropocentrismo excludente, desumano e desumanizador. Rejeitado teoricamente, na prática o pelagianismo continua sendo sempre a tentação dos cristãos que, na ânsia de quererem salvar o mundo e a si mesmos, rejeitam a simplicidade e o escândalo da cruz e confiam mais em seus próprios mecanismos de força e poder.

Quanto ao papa Francisco, entendemos que ele não rejeita, mas também não segue de perto o modelo agostiniano, que era tão apreciado por seu predecessor, o papa Bento XVI. Afina-se mais com o modelo dos Padres gregos, tal como foi assumido pelo Concílio Vaticano II. E rejeita o modelo pelagiano, por sua negação do mistério de Cristo e da graça divina, por sua “desertificação espiritual, fruto do projeto de sociedades que querem construir sem Deus ou que destroem as suas raízes cristãs” (EG 86), por “falsa autonomia que exclui Deus” (EG 89; 57) e, por consequência, por sua negação da verdadeira liberdade humana, tal como a entende a fé cristã.

Uma concepção própria do pelagianismo

Não são poucas as denúncias do papa Francisco ao pelagianismo. Embora ele nem sempre as defina como pelagianas, pode-se, contudo,

⁹ Para um enfoque realista, mas de corte otimista, das relações entre a fé cristã e os humanismos e orientações culturais da modernidade, ver M. Cl. BINGEMER; V. FELLER. *Deus-Amor, a graça que habita em nós*. Valencia/São Paulo: Siquem/Paulinas, 2003, pp. 35-48.



concentrar nesse termo determinadas atitudes, tão comuns na Igreja e no mundo, que são por ele condenadas, enquanto marcadas pelo puro interesse humano e sem abertura ao divino.

No discurso do papa Francisco há diversas expressões que revelam uma concepção própria do pelagianismo. Esta heresia tão antiga renova-se constantemente e revela-se hoje, sobretudo, nas atitudes de membros da Igreja que vivem saudosos do passado, colecionadores de antiguidades, agarrados à segurança doutrinal e disciplinar, apegados a leis e regras ultrapassadas, servindo-se de mecanismos defensivos, de concepções e práticas que beiram o restauracionismo e o juridicismo e o funcionalismo. Há uma íntima correlação entre pelagianismo e essas expressões recorrentes na vida da Igreja. E é precisamente nos momentos em que o papa serve-se explicitamente do termo “pelagianismo” que se percebe essa correlação.

Na famosa homilia do “cheiro das ovelhas”, da Missa Crismal de 2013¹⁰, o papa refere-se ao pelagianismo, como um risco que correm os presbíteros que atuam mais com “função” do que com “unção”. Num primeiro momento ele relaciona a atitude pelagiana à preocupação com “autoexperiências e reiteradas introspecções”, aos “cursos de autoajuda”. Ele adverte:

Viver a nossa vida sacerdotal passando de um curso ao outro, de método em método, leva a tornar-nos pelagianos, faz-nos minimizar o poder da graça, que se ativa e cresce na medida em que, com fé, saímos para nos dar a nós mesmos, oferecendo o Evangelho aos outros, para dar a pouca unção que temos àqueles que não têm nada.

Mas, logo a seguir, ele considera a “insatisfação de alguns (presbíteros), que acabam por viver tristes, padres tristes, e transformados numa espécie de colecionadores de antiguidades ou então de novidades”. Não há aqui uma relação direta entre pelagianismo e restauracionismo ou juridicismo, mas a referência aos “coleccionadores de antiguidades” não pode ser menosprezada!

No encontro com os dirigentes da CLAR (Conferência Latino-Americana de Religiosos)¹¹, em junho de 2013, o papa voltou a falar do

¹⁰ Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2013/documents/papa-francesco_20130328_messa-crismale.html>. Acesso em: 17 fev. 2015.

¹¹ Disponível em: <<http://www.periodistadigital.com/religion/vaticano/2013/06/10/en-la-curia-hay-gente-santa-pero-tambien-una-corriente-de-corrupcion-se-habla-del>>



pelagianismo. É verdade que as palavras do papa foram reconstruídas a partir das recordações dos participantes do encontro, os quais, depois de certa celeuma, tomaram distância com relação à publicação do texto reconstruído, reconhecendo que não se pode atribuir ao papa, com segurança, as expressões singulares contidas no texto, mas apenas o seu sentido geral. Mesmo assim, é interessante verificar o conteúdo da conversa no que concerne ao pelagianismo. No texto publicado consta que o papa teria partilhado com os dirigentes da CLAR duas preocupações: uma corrente pelagiana e uma corrente gnóstica. Sobre o pelagianismo, o papa teria explicado: “É uma corrente pelagiana que há na Igreja neste momento. Há certos grupos restauracionistas [...]. É como voltar a 60 anos atrás, antes do Concílio. É como estar em 1940”. Esses grupos “voltam a práticas e a disciplinas que eu vivi (na juventude), a disciplinas, a coisas que naquele momento se viviam, mas não agora”. Consta que o papa teria feito alusão à preocupação de contabilizar orações para formar ramalhetes espirituais. É certo que não se pode imaginar que ele estaria zombando de uma prática da religiosidade popular. Mas também é certo que ele poderia estar criticando formas antiquadas de oração experimentadas como puro exteriorismo legalista, orações que seguem uma espécie de normativa piedosa, num excesso formalista e inflexível, num sistema controlável por máquinas de rezar. Também Jesus de Nazaré criticou, não poucas vezes, a falsidade da oração dos fariseus.

No discurso aos membros da Comissão de Coordenação do CELAM, no Rio de Janeiro, em 2013, ao denunciar a tentação da “proposta pelagiana”, o papa a explica dizendo que ela “aparece fundamentalmente na forma de restauracionismo”, que para os males da Igreja busca “solução apenas na disciplina, na restauração de condutas e formas superadas”, que se revela em “tendências para a ‘segurança’ doutrinal ou disciplinar”, que “regride” e “procura ‘recuperar’ o passado perdido”¹².

Na exortação apostólica *Evangelii Gaudium*, de novembro de 2013, ao denunciar o mundanismo espiritual, que abordaremos mais abaixo, o papa serve-se explicitamente da expressão “neopelagianismo”, qualificado de “autorreferencial e prometeico”, para referir-se àqueles que só confiam nas próprias forças e se sentem superiores aos outros, que seguem “certo estilo católico próprio do passado”, agarrados a “uma

lobby-gay-y-es-verdad-esta-ahi-religion-iglesia-francisco-religiosos-clar-vatiano-curia-aparecida-reformas.shtml>. Acesso em: 17 fev. 2015.

¹² FRANCISCO. *Palavras do papa Francisco no Brasil*. São Paulo: Paulinas, 2013, p. 140-141.



suposta segurança doutrinal e disciplinar que dá lugar a um elitismo narcisista e autoritário, em que, em vez de evangelizar, analisam-se e classificam os demais e, em vez de facilitar o acesso à graça, consomem-se as energias a controlar” (EG 94).

Por ocasião da viagem apostólica à Turquia, na homilia da missa celebrada na Catedral do Espírito Santo, em Istambul, em 29 de novembro de 2014, o papa colocou a fé no Espírito Santo como fundamento do diálogo inter-religioso. Para ele, “só o Espírito Santo pode suscitar a *diversidade*, a multiplicidade e, ao mesmo tempo, realizar a *unidade*”. E acrescenta:

Quando somos nós a querer fazer a diversidade e nos fechamos em nossos particularismos e exclusivismos, trazemos a divisão; e quando somos nós a querer fazer a unidade de acordo com os nossos projetos humanos, acabamos por trazer a uniformidade e a homologação.

Mais adiante, ele denuncia como pelagianismo a fixação em mecanismos defensivos daquilo que já se sabe e se experimenta:

As nossas defesas podem manifestar-se com a excessiva fixação nas nossas ideias, nas nossas forças – mas assim resvalamos no pelagianismo – ou então com uma atitude de ambição e vaidade. Estes mecanismos defensivos impedem-nos de compreender verdadeiramente os outros e abrir-nos a um diálogo sincero com eles¹³.

Na última missa de 2014 na Casa Santa Marta¹⁴, o papa volta a falar do pelagianismo. Ao discorrer sobre os nascimentos miraculosos de Sansão e de João Batista, refletindo sobre a força criadora de Deus na esterilidade humana, o papa pede que a Igreja seja mãe e não empresária. O discurso da esterilidade

me faz pensar – conclui o papa – também em nossa mãe Igreja, nas muitas esterilidades que afligem a nossa mãe Igreja, quando, pelo peso da esperança nos mandamentos, aquele pelagianismo que todos nós carregamos nos ossos, torna-se estéril.

É preciso “rezar por nossa mãe Igreja, pelas muitas esterilidades no povo de Deus, esterilidade de egoísmos, de poder”. Porque “a Igreja é estéril quando crê que pode tudo, que pode apoderar-se das consciências das pes-

¹³ Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francescomobile/pt/homilies/2014/documents/papa-francesco_20141129_omelia-turchia.html>. Acesso em: 17 fev. 2015.

¹⁴ Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/it/cotidie/2014/documents/papa-francesco-cotidie_20141219_ora-della-ri-creazione.html>. Acesso: 17 fev. 2015.



soas, que pode seguir pelo caminho dos fariseus, dos saduceus, no caminho da hipocrisia”. Aqui o discurso do pelagianismo não se relaciona diretamente com o restauracionismo, mas com algo que lhe é intrínseco: a preocupação com o poder, com a lei, com o domínio das consciências.

O pelagianismo no mundo atual

Por brevidade, restringiremos a crítica do papa ao pelagianismo no mundo atual às suas reflexões na exortação apostólica *Evangelii Gaudium*.

Sem a pretensão de ser exaustivo, mas na linha do discernimento evangélico, no estudo dos sinais dos tempos, na busca da interpretação inaciana das moções do espírito bom e do espírito mau, o papa apresenta na *Evangelii Gaudium* aspectos da realidade eclesial e social que afetam a dignidade do povo de Deus e enfraquecem a renovação missionária da Igreja (EG 50-51). Não são denúncias vazias, uma vez que sempre bem acompanhadas do convite à esperança, à missão, ao novo olhar para o futuro.

Embora não use explicitamente o termo pelagianismo para denunciar os males do mundo atual, esses assim poderiam ser considerados, uma vez que são expressões da “rejeição da ética” e da “recusa de Deus” (EG 57) e da confiança demasiada na liberdade humana. Além disso, é preciso recordar o laicismo da cultura atual como expressão do pelagianismo. A laicidade, reconhecida no Concílio Vaticano II como justa autonomia das realidades terrenas, se converteu em laicismo, em fechamento a Deus. A constituição pastoral *Gaudium et Spes* advertira que por “autonomia das realidades temporais” não se deve entender que as criaturas independam totalmente de Deus e que o ser humano pode usar delas sem as ordenar ao Criador, pois, “sem o Criador, a criatura não subsiste [...]. Se se esquece Deus, a própria criatura se obscurece” (GS 36).

Ao apontar os desafios do mundo atual (EG 52-75), o papa Francisco apresenta uma série de atitudes que, pela “negação de toda transcendência” (EG 64), pela busca exagerada do sucesso e da eficácia, e pela crença total na capacidade humana, poderiam ser consideradas pelagianas.

A lista não é tão extensa como a do pelagianismo intraeclesial, que veremos mais abaixo. O papa condena os seguintes comportamentos pelagianos na sociedade contemporânea: a dificuldade para viver com dignidade, o poder do medo e do desespero sobre as pessoas (EG 52), a economia da



exclusão, que mata e produz desigualdade social, a consideração do ser humano como bem de consumo, a cultura do descartável, o tratamento dos excluídos como resíduos e sobras (EG 53), a confiança vaga e ingênua no poder econômico e nos mecanismos sacralizados do sistema econômico reinante, a globalização da indiferença, a anestesia da cultura do bem-estar (EG 54), a idolatria do dinheiro, a adoração do bezerro de ouro, a ditadura de uma economia sem rosto e sem objetivo humano, a negação da primazia do ser humano (EG 55), o desequilíbrio entre poucos ricos e muitíssimos pobres, decorrente da autonomia absoluta dos mercados e da especulação financeira, a tirania invisível do mercado, que impõe de forma unilateral e implacável suas leis e regras, a corrupção ramificada e a evasão fiscal egoísta (EG 56), o desprezo sarcástico por uma ética mais humana, a recusa de Deus (EG 57), a desigualdade social que gera violência, o consentimento no mal, que se embrenha nas estruturas sociais e contém um potencial de dissolução e morte (EG 59), a exacerbação do consumo, a tentativa de tratar as pessoas e os países pobres como seres domesticados e inofensivos (EG 60), os ataques à liberdade religiosa, as novas situações de perseguição aos cristãos, a generalizada indiferença relativista, relacionada com a desilusão e a crise das ideologias (EG 61), a primazia do que é exterior, imediato, visível, rápido, superficial, provisório e aparente, a deterioração das raízes culturais (EG 62), a proliferação de movimentos religiosos fundamentalistas ou que propõem uma espiritualidade sem Deus, o vazio deixado pelo secularismo reinante (EG 64), a negação de toda transcendência, a crescente deformação da ética, o enfraquecimento do sentido do pecado pessoal e social, o aumento do relativismo (EG 64), a fragilidade dos vínculos familiares, a concepção do matrimônio como mera forma de gratificação afetiva (EG 66) e o individualismo pós-moderno e globalizado (EG 67).

Está claro que o mundo não é só isso. Em muitas ocasiões o papa Francisco louva e bendiz a Deus pela capacidade de o ser humano se superar e estabelecer relações de boa convivência e fazer bom uso de sua liberdade, sem agredir as relações com Deus e com o próximo. No entanto, não há que se fechar os olhos à lista de atitudes pelagianas – como as consideramos – apontadas e denunciadas pelo papa.

O pelagianismo na Igreja

É recorrente a crítica do papa ao pelagianismo no interior da Igreja. Além de as encontrarmos na exortação apostólica *Evangelii Gaudium*, elas poderão ser também espigadas em outros ensinamentos do papa.



Depois de mencionar os desafios do mundo atual, o papa apresenta, na *Evangelii Gaudium*, as tentações dos agentes de pastoral (nn. 76-101). Essas tentações são, na prática, atitudes e comportamentos de cristãos que vivem sob o influxo da cultura globalizada atual (EG 77), fortemente marcada pelo pelagianismo moderno do sucesso, da eficácia, do empenho, da produção, da autoajuda, do *self made man*, a cultura laica que se fecha cada vez mais ao transcendente (EG 64) e “confia só nas suas próprias forças” (EG 94), a cultura do antropocentrismo, que se fecha no individualismo.

Embora não sejam denominadas explicitamente de atitudes pelagianas, podemos considerá-las como tais tendo em conta o fato de que em diversas outras oportunidades, usando linguagem, metáforas e exemplos semelhantes, o papa critica o pelagianismo. Em linguagem solta e coloquial, firme e corajosa, ele vai denunciando, sem dó, essas práticas no interior da Igreja.

Podemos considerar esta extensa lista como comportamentos pelagianianos condenados pelo papa: a preocupação exacerbada por espaços de autonomia e relaxamento, a acentuação do individualismo, o declínio do fervor (EG 78), a desconfiança e o desencanto com a mensagem da Igreja, a relativização e até o escondimento da identidade cristã, o sufocamento da alegria cristã, a limitação do tempo despendido na evangelização (EG 79), o relativismo prático, mais perigoso que o doutrinal, de quem age como se Deus e os pobres não existissem, o apego a seguranças econômicas ou a espaços de poder e de glória humana (EG 80), a fuga de compromissos apostólicos que venham a roubar o tempo livre, a preocupação obsessiva com o tempo pessoal, a necessidade de preservar os espaços de autonomia, a acédia paralisadora (EG 81), o excesso de atividades, mas, sobretudo, de atividades mal vividas, sem motivações adequadas, sem espiritualidade, por pura obrigação, sem a aceitação da custosa evolução dos processos, por apego ao cultivo da vaidade, pela perda do contato real com o povo, pela despersonalização da pastoral, pela atenção maior às organizações que às pessoas, pela ânsia de resultados imediatos (EG 82), o pragmatismo cinzento da vida cotidiana, já denunciado por Ratzinger, a psicologia do túmulo que transforma os cristãos em múmias de museu, a tristeza melosa, sem esperança (EG 83), o pessimismo estéril dos profetas da desgraça, que só veem prevaricações e ruínas, já denunciados por João XXIII (EG 84), a sensação de derrota que nos transforma em pessimistas lamurientos e desencantados com cara azeda (EG 85), a desertificação espiritual, fruto



do projeto de sociedades que querem se construir sem Deus ou destroem as raízes cristãs (EG 86), o fechamento em si, para provar o veneno amargo da imanência (EG 87), o fechamento na privacidade confortável ou no círculo reduzido dos mais íntimos, o seguimento de um Cristo puramente espiritual, sem carne nem cruz (EG 88), o isolamento, que é uma concretização do imanentismo, a falsa autonomia que exclui Deus (EG 89), a busca pelo poder, prestígio, prazer ou segurança econômica e o espírito de contenda, que produzem guerras entre nós (EG 98), a inveja (EG 99), as várias formas de ódio, divisão, calúnia, difamação, vingança, ciúme, os desejos de impor as próprias ideias a todo custo, a implacável caça às bruxas (EG 100).

Concentremo-nos, contudo, no que se pode considerar a mais explícita das denúncias anti-pelagianas do papa na *Evangelii Gaudium*: “o mundanismo espiritual” (EG 93-97), uma atitude pelagiana bem característica. Nas aparências de religiosidade e de amor à Igreja, o cristão mundano trabalha pelo bem-estar pessoal e cultiva o cuidado da aparência, busca a glória humana e não a de Deus, o interesse próprio e não o de Cristo. É fascinado pelo gnosticismo, fechado no seu subjetivismo, interessado em experiências ou raciocínios e conhecimentos supostamente iluminadores, enclausurado na imanência da própria razão ou dos sentimentos. Vive um neopelagianismo autorreferencial e prometeico, confia só nas suas próprias forças, sente-se superior aos outros por cumprir determinadas normas ou por ser fiel a um estilo “católico” próprio do passado. O papa define o gnosticismo e o neopelagianismo como manifestações de imanentismo antropocêntrico e formas desvirtuadas do cristianismo. E faz um retrato bem concreto dessa específica expressão do pelagianismo no interior da Igreja. O cristão mundano é apegado à segurança doutrinal ou disciplinar que dá lugar a um elitismo narcisista e autoritário; analisa e classifica os demais, em vez de lhes facilitar o acesso à graça; pretende dominar o espaço da Igreja; tem um cuidado exibicionista da liturgia, da doutrina e do prestígio da Igreja, mas não se preocupa com a real inserção do Evangelho na vida concreta do povo; transforma a vida da Igreja numa peça de museu ou numa posse de poucos; é fascinado pelo poder, quer mostrar conquistas sociais e políticas; é atraído pelas dinâmicas de autoestima e de realização autorreferencial; deixa-se envolver numa densa vida social cheia de viagens, reuniões, jantares, recepções; desdobra-se num funcionalismo empresarial, carregado de estatísticas, planificações e avaliações, onde o principal beneficiário não é o povo de Deus, mas a Igreja como organização; encerra-se em grupos



de elite, não sai realmente à procura dos que estão sedentos de Cristo; vive o gozo espúrio de uma autocomplacência egocêntrica; alimenta-se do poder e prefere ser general de exército derrotado antes que simples soldado de um batalhão que continua a lutar; sonha com planos apostólicos expansionistas, meticolosos e bem traçados; com isso, nega a história da Igreja, que é gloriosa por ser história de sacrifícios, de esperança, de luta diária, de vida gasta no serviço, de constância no trabalho fadigoso; olha de cima e de longe, rejeita a profecia dos irmãos, desqualifica quem o questiona, faz ressaltar constantemente os erros alheios e vive obcecado pela aparência; circunscreve os pontos de referência ao horizonte fechado da sua imanência e dos seus interesses. Um cristão mundano é centrado em si mesmo, escondido numa aparência religiosa vazia de Deus. Um cristão mundano não abre espaço para a graça misericordiosa de Deus-Pai revelada na cruz de Jesus e numa Igreja missionária.

Tendo em conta que o pelagianismo exalta a capacidade humana em querer e fazer o bem em detrimento da confiança na graça divina, e mesmo que o papa não as defina explicitamente como pelagianas, pode-se, por ampliação, considerar como tais as tentações apresentadas pelo papa nas diversas listas que ele tem feito.

No encontro com os dirigentes do CELAM¹⁵, o papa apresenta as tentações do discipulado missionário: a ideologização da mensagem evangélica, através do reducionismo sociologizante e da hermenêutica elitista psicológica; as propostas do gnosticismo e do pelagianismo (este último, já citado mais acima); o funcionalismo, que reduz a estrutura da Igreja a uma ONG; e o clericalismo, que impede a liberdade e a maturidade dos cristãos leigos.

No discurso de encerramento da III Assembleia Extraordinária do Sínodo dos Bispos, em outubro de 2014¹⁶, o papa lista as tentações que, em meio às consolações do Espírito Santo, sobrevieram aos participantes do sínodo: o endurecimento hostil, que se fecha dentro da lei e da certeza do que já se sabe, própria dos zelantes, escrupulosos, cautelosos, tradicionalistas e intelectuais; a bonacheirice destrutiva, que trata as feridas mas não vai às suas causas e raízes, própria dos progressistas e liberais;

¹⁵ FRANCISCO, *Palavras do papa Francisco no Brasil*. São Paulo: Paulinas, 2013, p. 138-142.

¹⁶ Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/october/documents/papa-francesco_20141018_conclusioni-sinodo-dei-vescovi.html>. Acesso em: 17 fev. 2015.



a transformação da pedra em pão para interromper o difícil jejum e a transformação do pão em pedra para lançá-la contra os pecadores; o descer da cruz, para agradar as massas, cedendo ao espírito mundano; o descuido com o “*depositum fidei*”, considerando-se não guardiões mas proprietários e senhores; o descuido com a realidade.

Também podem considerar-se como efeitos do pelagianismo as quinze doenças elencadas pelo papa em seu encontro com os cardeais e colaboradores da Cúria Romana para a troca de votos natalícios¹⁷: o sentir-se imortal, imune e indispensável, descuidando da autocrítica, da atualização e dos controles necessários; o “martismo” (que vem de Marta), da atividade excessiva; o empedernimento mental e espiritual de quem tem coração de pedra e cerviz dura; a planificação excessiva e o funcionalismo, que faz do apóstolo um contabilista ou comercialista; a má coordenação, que não consegue a sincronização entre os líderes e o corpo e cai no autoritarismo; o “alzheimer espiritual”, o progressivo declínio das faculdades espirituais; a rivalidade e a vanglória, de quem se preocupa com a aparência, as cores das vestes e as insígnias de honra; a esquizofrenia existencial, de quem vive uma vida dupla, fruto da hipocrisia típica do medíocre e do progressivo vazio espiritual; o terrorismo das bisbilhotices, murmurações e críticas; a divinização dos líderes; a indiferença para com os outros; a severidade teatral e o pessimismo estéril da cara fúnebre; a acumulação de tesouros terrenos; o escândalo dos círculos fechados, que gera a autodestruição e o fogo amigo; a preocupação com o lucro mundano e os exibicionismos, quando o apóstolo transforma o seu serviço em poder, e o seu poder em mercadoria para obter lucros mundanos ou mais poder.

É evidente que o papa não analisa a Igreja só por suas sombras. Por diversas vezes ele insiste nas ações pastorais e atitudes espirituais de membros da Igreja que fazem resplandecer o rosto misericordioso de Deus e garantem a rica relação entre o poder da graça divina e a beleza da liberdade humana. Todavia, convém trazer à luz essa lista de atitudes pelagianas – assim as consideramos – apontadas e denunciadas pelo papa. Só quando o mal é visto, reconhecido e denunciado, é que poderá ser cerceado e vencido.

¹⁷ Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/december/documents/papa-francesco_20141222_curia-romana.html>. Acesso em: 17 dez. 2015.



Viver na graça de Deus

A vida na graça é o caminho para vencer o pelagianismo. Viver na graça de Deus: eis outro tema que poderia ser estudado no ensinamento do papa Francisco. Só na exortação apostólica *Evangelii Gaudium*, são mais de vinte as recorrências do termo “graça”, no sentido de dom de Deus para viver a vida em Cristo, assumindo a cruz na força do Espírito. Sem a graça divina é impossível viver. Daí a indicação inaciana nos *Exercícios Espirituais* de sempre pedir a graça, de apresentar a Deus o pedido da graça “que quero e desejo”¹⁸. Por diversas vezes o papa Francisco pede a graça da alegria evangelizadora: “A alegria evangelizadora refulge sempre sobre o horizonte da memória agradecida: é uma graça que precisamos pedir” (EG 13). “Peçamos a graça de nos alegrarmos com os frutos alheios, que são de todos” (EG 99). “Precisamos implorar a cada dia, pedir a sua graça para que abra o nosso coração frio e sacuda a nossa vida tibia e superficial” (EG 264)¹⁹.

Se a graça há de ser pedida, não pode ser bloqueada. A graça divina deve encontrar todos os canais abertos para que possa fluir em sua generosidade em favor de todos. Não se pode, com o pretexto da lei e da organização, impedir a ação da graça. Nesse sentido o papa adverte: “Muitas vezes, agimos como controladores da graça, e não como facilitadores. A Igreja, porém, não é uma alfândega, mas a acasa paterna, onde há lugar para todos com a sua vida fadigosa” (EG 47). E ainda, de modo mais peremptório:

(O neopelagianismo) é uma suposta segurança doutrinal e disciplinar que dá lugar a um elitismo narcisista e autoritário, em que, em vez de evangelizar, analisam-se e classificam-se os demais e, em vez de facilitar o acesso à graça, consomem-se energias a controlar (EG 94).

¹⁸ INÁCIO DE LOYOLA. *Exercícios Espirituais*, nn. 25, 43, 46, 63 et passim (Trad. R. Paiva, SJ). São Paulo: Loyola, 2000⁴.

¹⁹ Em quase todas as homilias diárias nas missas na Capela da Casa Santa Marta o papa sugere o pedido de uma graça divina. Não cabe aqui citá-las todas. A título de exemplo, ver PAPA FRANCISCO. *Homilias da manhã na Capela da Domus Sanctae Marthae* (Vol 1). Brasília: CNBB, 2014, p. 33 (a graça das lágrimas pelos pecados); p. 38 (a graça da consolação espiritual que vem do encontro com o Senhor); p. 46 (a graça da humildade); p. 47 (a graça de não julgar ninguém); p. 56 (a graça da coragem); p. 59 (a graça da perseverança); p. 243 (a graça do amor, da largueza, da magnanimidade e da alegria).



Se a graça há de ser pedida, há de ser também agradecida. É outro elemento constante nos Exercícios Espirituais de Santo Inácio de Loyola. É preciso dar graças a Deus pelas muitas graças que ele nos concede²⁰. Dar graças é sinal de gratidão, de acolhida do dom de Deus, de reconhecimento de que é Deus a fonte e a meta de todos os bens. Assim é que, no final da *Evangelii Gaudium*, citando três passagens de cartas paulinas (Rm 1,8; 1Cor 1,4; Fl 1,3), o papa dá graças a Deus pela força missionária da Igreja, pela ação apostólica de muitos missionários e pela confiança na obra evangelizadora do próprio Deus que age na história. “Não é um olhar incrédulo, negativo e sem esperança, mas uma visão espiritual, de fé profunda, que reconhece aquilo que o próprio Deus faz neles” (EG 282).

Por fim, depois de estender-se detalhadamente sobre o imenso campo de trabalho da conversão e da ação missionária, o papa Francisco, na parte final do documento, trata da espiritualidade cristã, a vida no Espírito de Cristo, a vida na graça, como única fonte que pode propiciar e alimentar a tão desejada saída da autorreferencialidade para tornar a Igreja uma comunidade missionária, que entre numa aventura por terras desconhecidas. Uma aventura que causa vertigem, pois depende inteiramente da ação de Cristo Redentor e do seu Espírito.

É verdade, diz o papa, que esta confiança no invisível pode causar-nos alguma vertigem: é como mergulhar num mar onde não sabemos o que vamos encontrar. Eu mesmo o experimentei tantas vezes. Mas não há maior liberdade do que a de se deixar conduzir pelo Espírito, renunciando a calcular e controlar tudo e permitindo que ele nos ilumine, guie, dirija e impulse para onde ele quiser. O Espírito Santo bem sabe o que faz falta em cada época e em cada momento. A isto se chama ser misteriosamente fecundos! (EG 280).

Conclusão

Na história da Igreja, toda vez que prevaleceu o pelagianismo do cálculo e do controle, houve fechamentos e medos e inseguranças. Ao contrário, toda vez que, desde a época de Jesus, foi a graça do Espírito que guiou e fortaleceu e entusiasmou o coração dos discípulos, a Igreja viveu verdadeiras primaveras de evangelização. Aí não é a ação humana

²⁰ INÁCIO DE LOYOLA. *Exercícios Espirituais*, nn. 43, 61, 71, 77 et passim (Trad. R. Paiva, SJ). São Paulo: Loyola, 2000⁴.



que predomina, mas é o próprio Cristo que ensina e age através de seus discípulos. “O verdadeiro missionário, que nunca deixa de ser discípulo, sabe que Jesus caminha com ele, fala com ele, respira com ele, trabalha com ele. Sente Jesus vivo com ele no meio da tarefa missionária” (EG 266).

O papa Francisco adverte frequentemente que a missão da Igreja não é obra pelagiana, resultado de nossos esforços:

A missão não é um negócio nem um projeto empresarial, nem mesmo uma organização humanitária, não é um espetáculo para que se possa contar quantas pessoas o assistiram graças à nossa propaganda (EG 279).

A missão depende inteiramente da graça divina, da ação misteriosa do Ressuscitado e do seu Espírito. É claro que não se trata de passividade humana, mas de reconhecimento de que tudo o que o ser humano faz depende da força que vem de Deus.

E-mail do Autor:

vitorfeller@arquiifn.org.br